

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS EM MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA DESTINADOS A PROFESSORES NO BRASIL

Oswaldo Rodrigues Junior

Doutorando em Educação – PPGE/UFPR; Faculdades Integradas de Itararé

osvaldo.rjunior@gmail.com

RESUMO

Apresenta resultados de investigação do tipo estado da arte das pesquisas em manuais de Didática da História destinados a professores, produzidos no Brasil. Apóia-se na discussão indicada por Choppin (2004) sobre o problema léxico nas pesquisas sobre material didático. Toma os conceitos de manual de didática específica (BUFREM; GARCIA; SCHMIDT, 2006) e de manual de didática especial (BATISTA, 2000), no sentido de definir o objeto das pesquisas analisadas. Sustenta o conceito de Didática da História enquanto a “ciência do aprendizado histórico” - a partir de Rüsen (2007). Partindo de pesquisa em base de dados nacionais e em publicações específicas no campo do ensino de História, analisa a produção de pesquisas sobre manuais de Didática da História no Brasil apresentando os seguintes resultados principais: 1) as pesquisas priorizam a análise de conteúdo dos manuais; 2) as pesquisas contribuem para a história do ensino de História; 3) as pesquisas permitem reafirmar a existência de um código disciplinar da Didática da História, na esteira de outros estudos; 4) as pesquisas apresentam indícios das formas de ensinar e aprender nos contextos específicos de produção de tais manuais.

PALAVRAS-CHAVE: Manuais de Didática da História. Didática da História. Ensino de História.

Munakata (2012) identifica a tese de doutoramento *Livro didático e saber escolar*, de Circe Bittencourt, defendida na Universidade de São Paulo em 1993, como um marco na produção científica sobre livros didáticos no Brasil. Isso porque, até então, cerca de apenas 50 (cinquenta) trabalhos sobre livro didático haviam sido realizados no Brasil. A contribuição não reside apenas na multiplicação de trabalhos posteriores, mas na amplitude do trabalho de Bittencourt (1993) que permitiu a ampliação do campo de pesquisas sobre livro didático no Brasil.

Neste sentido, nos anos 1990 e 2000 o número de trabalhos sobre livro didático no Brasil foi ampliado de maneira significativa, seja pelo surgimento de grupos de pesquisa, seja pela origem de eventos específicos da área. Seguindo este raciocínio, na primeira década do século 21 (vinte e um) foram aproximadamente 800 (oitocentos) trabalhos publicados. Assim, segundo

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Munakata (2012. p. 192), "houve época em que estudar livro didático era visto como desvio de comportamento. Hoje, como se viu, há uma proliferação de temas e abordagens possíveis para o seu estudo".

Dentre estes trabalhos uma parcela incipiente, mas em expansão na Iberoamérica, destina-se a analisar os manuais de Didática específica ou especial (GUEREÑA, OSSENBACH; POZO, 2005), isto porque na maioria dos casos, os manuais escolares dos alunos foram privilegiados nas pesquisas acadêmicas, conforme Bufrem, Garcia e Schmidt (2006). Choppin (2004) indica a existência de um problema léxico nas pesquisas envolvendo livros didáticos, que leva, de maneira errônea, os pesquisadores a utilizarem o termo "livros didáticos" sem especificar o objeto analisado.

Como o presente trabalho tem o objetivo de inventariar o estado da arte das pesquisas sobre manuais de Didática da História no Brasil, é fundamental que se defina o objeto manual de Didática da História.

OS MANUAIS DE DIDÁTICA ESPECÍFICA

Inicialmente se entende estes como manuais, pois "apresentam a proposta de, a um só tempo introduzir um tema e sumariá-lo" (BUFREM, GARCIA, SCHMIDT, 2006. p. 123). Diferenciam-se por ser destinados a professores, diferentemente dos manuais destinados aos alunos e:

[...] propõem métodos e atividades de ensino de determinadas disciplinas indica, também, a necessidade de explicitação do que se entende pelo conjunto de conhecimentos veiculados por estes manuais, ou seja, que tipo de saberes são constitutivos destas publicações destinadas aos professores (BUFREM, GARCIA, SCHMIDT. p. 123).

Outra especificidade dos manuais destinados a professores reside no fato de não possuírem relação com os conhecimentos específicos, como História Antiga ou História da América, sendo

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

esses livros textos onde “trata-se também de uma gama de saberes que podem ser incluídos nos saberes e práticas próprios da Didática das disciplinas” (BUFREM, GARCIA, SCHMIDT. p. 123). Assim, se compreende os manuais de didática específica ou “didática especial (que propunham métodos e atividades de ensino em alguma disciplina)” (BATISTA, 2000. p. 551) como um objeto diferenciado em relação aos livros didáticos destinados aos alunos.

Tal característica diferencia os manuais de Didática da História dos manuais de conteúdo destinados a professores. Bittencourt (1993) apresenta na sua tese “*Livro didático e saber escolar*” o argumento de que a origem dos livros didáticos está intrinsecamente relacionada a origem das disciplinas pelos poderes instituídos. Assim, até a primeira metade do século 19 (dezenove) a autora identifica a tradução de compêndios, principalmente franceses, que eram destinados aos professores. Estes por não possuírem formação específica nas áreas se utilizavam dos compêndios em sala de aula.

Mesmo na segunda metade do século 19 (dezenove), quando foi iniciado o processo de produção de manuais de História no Brasil, estes eram quase exclusivamente destinados aos professores. Munakata (2004) investigou o processo de produção de dois destes manuais: História do Brasil, de Américo Jacobina Lacombe e História Geral, por Carlos Delgado de Carvalho iniciados em 1953. Tais manuais foram encomendados por Anísio Teixeira, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Quando assumiu o cargo em 1952, Teixeira deu início à Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME), que tinha como objetivo a produção de livros/manuais para alunos e professores. Neste caso, os manuais em questão eram dirigidos aos professores.

Munakata (2004) apresenta o processo de produção a partir de documentos retirados do acervo do INEP, principalmente correspondências entre membros do INEP, autores e avaliadores. Nestas cartas o maior problema é a própria composição dos livros, o conteúdo historiográfico das obras. No decorrer do artigo, apesar de demonstrar a preocupação dos autores dos manuais com uma possível “renovação metodológica”, Munakata (2004) deixa claro que estes eram manuais de

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

conteúdo específico, que deveriam servir aos professores para o preparo das aulas. Desta forma, eles ajudariam os professores que muitas vezes não tinham acesso as bibliografias necessárias para a elaboração de uma boa aula.

Desse modo, podemos entendê-los também como manuais destinados aos professores, porém com uma especificidade, tratavam do conteúdo específico da disciplina, por exemplo, História Antiga, História do Brasil, não se configurando, portanto, como manuais de didática específica, conforme Bufrem, Schmidt e Garcia (2006).

Schmidt (2008) ao inventariar os manuais de Didática da História produzidos no Brasil indica a existência de 14 (quatorze) obras¹:

MANUAL	AUTOR	ANO
<i>Methodologia da História na aula primária</i>	Jonathas Serrano	1917
<i>Como se ensina História</i>	Jonathas Serrano	1935
<i>A História no curso secundário</i>	Murilo Mendes	1935
<i>Princípios do método no ensino de História</i>	Amélia Americano Franco Domingues de Castro	1952
<i>Apostilas de Didática Especial de História</i>	CADES2	1959
<i>A história na escola</i>	Hugo Weiss et ali (orgs)	1963

1 Em seu artigo *O aprender da História no Brasil: trajetórias e perspectivas*, Schmidt (2008) aponta a existência de "14 manuais de Didática da História, produzidos, entre 1917 e 2004" (p. 10), porém no decorrer do texto são citados 15 (quinze) manuais e nas referências apenas 11(onze) manuais. Tal fato deve estar relacionado a quantidade de Apostilas de Didática Especial publicadas pela CADES tendo estas diferentes autores.

2 Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário. Foram colaboradores da obra: Astréa Dutra dos Santos, Eny M. Roxo da Motta, Fernando Segismundo, João Alfredo Libâneo Guedes, Malca D. Beider. (URBAN, 2009. p. 36).

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

<i>secundária</i>		
<i>Curso de Didática de História</i>	João Alfredo Libâneo Guedes	1963
<i>Planos de aula de História</i>	Lucia de Lemos	1964
<i>O ensino da História no Primário e no Ginásio</i>	Miriam Moreira Leite	1969
<i>Caderno MEC de História</i>	Lydinéa Gasman e James Braga Viera da Fonseca	1971
<i>Metodologia do ensino de História e Geografia</i>	Heloisa Dupas Penteado	1994
<i>Didática e Prática de Ensino de História</i>	Selva Guimarães Fonseca	1ª edição: 2003; 5ª edição: 2005.
<i>Ensino de História: fundamentos e métodos</i>	Circe Maria Fernandes Bittencourt	1ª edição: 2004; 3ª edição: 2009.
<i>Ensinar História</i>	Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli	1ª edição: 2004; 2ª edição: 2010.

Além destes, podemos destacar a produção de outros manuais de Didática da História ainda não analisados nas pesquisas:

MANUAL	AUTOR	ANO
<i>Ensino de História</i>	Katia Maria Abud, André Chaves de Melo Silva e Ronaldo Cardoso Alves	2010
<i>Ensino de História e experiências</i>	Ana Nemi, João Carlos Martins e Diego Luiz	2010

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

	Escanhuela	
<i>Os desafios do ensino de História: problemas, teorias e métodos</i>	Alexandre de Sá Avelar	2011
<i>Metodologia do ensino de História</i>	José Antônio Vasconcellos	2012

Fonte: pesquisa do autor (2014).

DIDÁTICA DA HISTÓRIA

O conceito de didática possui na História um sentido controverso, pois se de um lado possui uma “venerável tradição” fundada antes da cientificização, hoje ocupa um lugar externo a ciência específica. Nesse sentido, “os didáticos seriam transportadores, tradutores, encarregados de fornecer ao cliente ou à cliente – comumente chamado de “aluno” ou “aluna” – os produtos científicos” (RÜSEN, 2007. p.89). Essa visão, por mais que seja dominante em relação aos especialistas hoje, dificilmente é fundamentada pelos mesmos, pois esta ideia de “externalização e funcionalização da didática são o reflexo de uma concepção estreita de ciência, por parte dos historiadores profissionais” (RÜSEN, 2007. p.89).

Portanto, nem a didática pode ser considerada apenas “métodos” de ensino e tecnologias, nem o aprendizado pode ser visto como exclusividade do espaço formal das escolas. Sob este ponto de vista, a teoria e a didática são fundadas sobre as mesmas bases, a especificidade do conhecimento científico, porém em direções diferentes, mesmo que em certas discussões acabem se entrecruzando. A didática necessita da teoria quando discute qual o significado para o aprendizado da cientificidade do conhecimento, enquanto a teoria precisa da didática quando se discutem as funções práticas do conhecimento histórico.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Ademais, a “didática é um conceito controvertido, pois hoje designa somente um campo determinado da pedagogia, o que se ocupa do ensino em sala de aula” (RÜSEN, 2007. p.94), quando deve ser entendida como “a ciência do aprendizado histórico” (RÜSEN, 2007. p.94).

OS MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO BRASIL

Partindo da definição do objeto manual de Didática da História e da conceituação de Didática da História, este artigo pretende apresentar as pesquisas existentes sobre estes manuais.

Precursor na produção de manuais de Didática da História no Brasil, Jonathas Serrano³ foi o responsável pelos manuais *Methodologia da História na aula primária* (1917) e *Como se ensina a História* (1935). As duas obras são objeto dos trabalhos de Schmidt (2004; 2005; 2008) e Freitas (2006).

Schmidt (2004) aponta que o regulamento de 1837 do Colégio Dom Pedro II, situado na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, pode ser considerado o marco inicial da História como disciplina escolar no Brasil. No entanto é após a proclamação da República em 1889, no contexto de construção do Estado Nacional, que surge uma literatura didática específica.

Dentre esta literatura, se destaca a obra de Jonathas Serrano que parte fundamentalmente da perspectiva metodológica de Dewey⁴, e também dos debates da Escola Nova⁵, entendendo que se deve partir da experiência da criança e combater o ensino tradicional que primava pela memorização. Inserem-se estas influências no movimento chamado de “entusiasmo pela educação” ou “otimismo pedagógico”, intimamente ligado a Escola Nova. Com isso, percebe-se a

3 Filho do capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Souza Serrano, senador da República pelo estado de Pernambuco, e de Ignez da Silveira Serrano. Estudou no Colégio Pedro II, formou-se em Direito. Foi membro e participou da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de ter exercido o magistério de História, no Colégio Pedro II e na Escola Normal do antigo Distrito Federal (URBAN, 2009. p. 34).

4 John Dewey (1859-1952), filósofo norte americano defendia a democracia e a liberdade de pensamento como fundamentos da educação.

5 Também conhecido como "Escola Ativa" ou Escola Progressista" foi um movimento de renovação do ensino que surgiu na Europa em meados do século 19 Europa chegando ao Brasil por intermédio de Rui Barbosa em 1882.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

tentativa de inserção de uma nova forma de ensinar História, ou seja, a partir de uma perspectiva renovada, conforme Schmidt (2004; 2005; 2008). Ainda sob o ponto de vista desta autora (2004) para Serrano “a História como uma ciência tem como objeto o estudo da origem e do desenvolvimento das sociedades humanas, a partir dos seus fatos mais importantes, que devem ser explicados de forma encadeada, em suas causas e conseqüências” (p. 198).

Na obra *Methodologia da História na aula primária*, Serrano propõe sete métodos para o ensino da História. O primeiro é o método etnográfico; o segundo, o sincrônico; o terceiro, o cronológico; o quarto, o regressivo; o quinto, o anedótico ou biográfico; o sexto, o continuado; e por fim o sétimo, o concêntrico. Além dos métodos, Serrano discute neste manual os recursos técnicos possíveis para o ensino da História, como: os processos visuais, os questionários metódicos, as preleções, as leituras comentadas e o saber contar, as datas importantes, e os exercícios escritos e orais.

Em 1935, Serrano publicou “*Como se ensina História*” obra que viria criticar a Reforma Francisco Campos de 1931. Schmidt (2004) conclui que Jonathas Serrano é um homem de seu tempo, responsável pela “pedagogização do saber histórico” (p. 208).

Freitas (2006) em sua tese *A pedagogia da história de Jonathas Serrano para o ensino secundário brasileiro (1913/1945)* vai além da análise de conteúdo dos manuais de Didática da História de Serrano, analisando de maneira mais pormenorizada a biografia e a trajetória profissional deste intelectual. Assim, aponta que a pedagogia da história de Serrano foi configurada na prática, enquanto professor, no catolicismo e nas assessorias a implantação de políticas públicas.

Essa pedagogia tem vários aspectos destacados por Freitas (2006): 1) influência da *psicologia do interesse* de Claparède⁶; 2) Importância da memorização e raciocínio; 3) Concepção

6 Édouard Claparède (1873-1940), médico e psicólogo suíço "é considerado um dos pioneiros no estudo da psicologia da criança, a partir de um enfoque interacionista sobre a gênese dos processos cognitivos" (NASSIF; CAMPOS, 2005. p. 92). Esta "psicologia do interesse" esta relacionada a concepção de que é necessário despertar o interesse das crianças para que a aprendizagem seja possível.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

de ensino enquanto transferência; 4) História enquanto "ciências das causas"; 5) Crítica imparcial e objetiva (p. 262). Em relação ao método de ensino se destaca o anedótico-biográfico e o concêntrico. Desta forma, a pedagogia da história de Serrano era escolanovista e católica, segundo Freitas (2006. p. 263).

Ante o exposto, se percebe aproximações e distanciamentos entre os trabalhos de Schmidt (2004; 2005; 2008) e Freitas (2006). Aproximações, pois ambos identificam a influência da Escola Nova e o anseio de Serrano por um método renovado para o ensino da História, advindo, principalmente da influência da pedagogia e da psicologia. Distanciamentos na identificação por Freitas (2006), do papel da memorização no método de Serrano. Para ele, Serrano corroborava "como uma teoria da aprendizagem onde o estudar é também exercitar a memória e o raciocínio" (FREITAS, 2006. p. 262).

A monografia de Murilo Mendes *A História no curso secundário* é objeto dos trabalhos de Schmidt (2008), Freitas (2004) e Urban (2009). Freitas (2004) investiga a pedagogia da História de Murilo Mendes apresentando a importância do pensamento de Dewey em sua composição. Influenciado pelas ideias do educador norteamericano, Mendes construiu uma monografia na qual questiona o método mnemônico, ou de memorização no ensino de História como responsável pela insatisfação dos alunos para com a disciplina.

Contra esta perspectiva tradicional de ensino de História, Mendes propõe uma "nova pedagogia" centrada no educando. Para isso, seria fundamental o arcabouço da ciência da Pedagogia como orientadora do processo. Assim "fazer entrar a pedagogia implicava transferir o poder de elaboração dos programas para os pedagogos ou, em instância futura, substituir a geração de professores autodidatas pela geração de formados nas faculdades de filosofia - instruídos em ciência da história e em ciência(s) da educação" (FREITAS, 2004. p. 173).

Schmidt (2008) aponta que Murilo Mendes defende "a necessidade da aprendizagem a partir do presente" (p. 10). Isso por conta da influência da psicologia da educação na concepção de aprendizagem deste intelectual. Urban (2009, p. 35) complementa a análise pontuando que:

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Destaca-se na obra de Mendes (1935) uma preocupação com uma renovação metodológica para o ensino de História. O autor dedicou uma parte da sua obra às discussões sobre a adequação entre os ideais e interesses da juventude, fazendo reflexões sobre as *Novas directrizes da metodologia da historia*.

A obra de Amélia Americano Franco Domingues de Castro intitulada *Princípios do método no ensino de História* (1952) é objeto das investigações de Schmidt (2008a; 2008b) e Urban (2009). Schmidt (2008a) denota que Castro, assim como Serrano e Mendes, parte das ideias propostas por Dewey pontuando a importância do aluno enquanto centro do processo de ensino e aprendizagem. Em relação à concepção de aprendizagem desta autora, Schmidt (2008a) afirma que “a psicologia do desenvolvimento fundamenta a concepção de aprendizagem dessa autora” (p. 11). Além disso, Castro promove uma diferenciação entre o saber histórico e o saber escolar, conforme Schmidt (2008b).

Em relação ao método de ensino, Urban (2009) mostra a importância da Pedagogia na obra de Castro. Assim, a autora entende o método pedagógico, a partir do:

[...] estudo das diferentes técnicas didáticas particulares, aplicáveis nas situações em que se defrontam professor e alunos, não pode ser desligado das considerações gerais que as explicam e fundamentam. Diversos modos de proceder podem ser utilizados na direção da aprendizagem, desde que se harmonizem e unifiquem pela obediência a certos princípios de âmbito mais geral que constituem o método pedagógico. Ora, este, quando encarado em função de uma determinada matéria, deve, preliminarmente, considerar os princípios fundamentais referentes à natureza da matéria em questão, pois, como diz Dewey, o método de ensino é “a eficaz orientação da matéria para resultados desejados”. (CASTRO, 1952, p. 5, APUD: URBAN, 2009. p. 36).

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Urban (2009) alega que desde meados da década de 1940 o Ministério da Educação e Cultura, demonstrando interesse e preocupação com a formação dos professores, criou dois órgãos responsáveis por pensar essa formação. Em 1944 cria o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e em 1953 CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário). “Entre as ações principais desses órgãos estava a publicação de periódicos e manuais destinados à formação complementar dos professores brasileiros” (SCHMIDT, 2006, p. 717). Das obras publicadas pela CADES destacam-se as *Apostilas de Didática Especial de História* de 1959.

Tais apostilas são objeto das investigações tanto de Schmidt (2006, 2008a), quanto de Urban (2009). Segundo esta última autora, as apostilas demonstram a preocupação com o ensinar e aprender História, sendo que “na unidade intitulada “*A motivação da aprendizagem da História*” são relacionadas orientações referenciadas em estratégias decorrentes, tanto da Psicologia como da Didática Geral” (URBAN, 2009. p. 36).

Schmidt (2008a) afirma ainda que “a visão predominante do grupo da CADES era a de que aprender História seria estudar o passado de maneira mais científica possível, e não buscar uma fonte de moral ou exemplos e fatos dignificantes para servir ao presente” (p. 12). Um exemplo destacado pela pesquisadora é o da obra “*A História na Escola Secundária*” organizada por Vicente Tapajós e Hugo Weiss, produzida pela CADES. Mantendo o pensamento de Schmidt (2006), Weiss destaca em seu artigo a diferença entre o historiador e o professor, que deve conhecer principalmente os programas governamentais para o ensino da disciplina.

A obra *Curso de Didática de História* de João Alfredo Libaneo Guedes foi analisada por Schmidt (2008 a) e Urban (2009). Esta obra, “entre outros aspectos, apontou para uma preocupação com teoria geral de Didática de História, os alvos do ensino, os fundamentos psicológicos do ensino de História, o plano de aula, as técnicas de ensino e a verificação da aprendizagem de História” (URBAN 2009. p.37). Dessa forma, Guedes toma a psicologia como ponto de referência para a aprendizagem, destacando-se na obra também a criação da sala específica de História como uma possibilidade inovadora para o ensino da História, segundo Urban

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

(2009). Schmidt (2008a), por sua vez, corrobora com Urban (2009) sobre a importância da psicologia educacional na obra de Guedes.

Também produzido na década de 1960 *O ensino de História no Primário e no Ginásio (1969)*, de Miriam Moreira Leite é objeto das investigações de Schmidt (2008a) e Urban (2009). Leite propõe a aprendizagem a partir de conceitos e da relação com o tempo, influenciada pela psicologia cognitiva, conforme Schmidt (2008a). Urban (2009) também pontua a influência da psicologia dando voz a autora que afirma:

Em 1969, há treze anos, a Cultrix publicou o livro *O Ensino de História*, inspirado em minhas experiências como aluna, professora e mãe de alunos da escola de 1.º grau. Iniciado como manual de didática de História, em 1967, o livro terminou como um levantamento de condições sociais em que se desenvolvem o ensino da História e o relacionamento na sala de aula. (LEITE, 1982, p. 88, APUD: URBAN, 2009. p. 39).

No contexto de redemocratização, as lutas pelo retorno da História e, enquanto disciplina específica contrária aos Estudos Sociais demonstram o momento de tentativa de renovação do ensino de História no Brasil. Neste período, também destacam-se o surgimento dos principais eventos sobre ensino de História até hoje realizados no Brasil⁷.

Na década de 1990 a obra de Heloisa Dupas Penteado *Metodologia do ensino de História e Geografia (1994)*, ainda derivada das heranças deixadas pelos Estudos Sociais, pontua o ensino integrado de Geografia e História, tendo os conceitos como instrumentos de trabalho.

Schmidt (2008a) afirma que “a década de 1990 terminou com a proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais, referência para trabalhos e publicações posteriores na área de Didática da História” (p. 18). Dentre estas publicações sobressaem os manuais: “*Didática e Prática de Ensino*

7 Entre os exemplos de eventos organizados, temos o *Perspectivas do Ensino de História* que teve sua primeira edição realizada na Universidade de São Paulo, em 1988; e o *Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH)* que vem ocorrendo desde 1993 com primeira edição sediada na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) em Uberlândia-MG.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

de História” (2003) de Selva Guimarães Fonseca, *“Ensinar História”* (2004) de Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli e *“Ensino de História: fundamentos e métodos”* (2004) de Circe Bittencourt. Analisados por Schmidt (2008a) e Rodrigues Junior (2010) estes manuais podem ser entendidos como "contemporâneos", tanto pela proximidade temporal, quanto pela renovação no ensino de História promovida pelos mesmos.

Conforme Schmidt (2008a) os manuais citados propõe:

o aprender História como condição de formação para a cidadania concreta e não abstrata, aprender a partir de temas e problemas que incorporem elementos da realidade social de alunos e professores; a aprendizagem que contribua para que o aluno se identifique como sujeito da história e da produção do conhecimento histórico; aprender desenvolvendo a compreensão histórica da realidade social, tendo como base os procedimentos históricos, incorporando temas da história local e levando-se em conta as relações entre a micro e a macro história (p. 18).

Na dissertação de mestrado intitulada *Os manuais de Didática da História e a constituição de uma epistemologia da Didática da História*⁸ foi investigada a relação entre a História - particularmente as contribuições da Teoria da História - e os saberes pedagógicos na constituição da Didática da História nos manuais "contemporâneos".

Como resultados da pesquisa de Mestrado, se infere que os manuais analisados demonstram a “pedagogização do conhecimento histórico”, como afirma Schmidt (2004). Isso se deve à forte influência do conceito de transposição didática de Chevallard (2005), com o qual o autor faz uma clara referência à pedagogia dos objetivos, centrada na aquisição de habilidades cognitivas do pensamento.

8 RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. **Os manuais de Didática da História e a constituição de uma epistemologia da Didática da História**. Curitiba, 2010. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Trabalho orientado pela Profa. Dra. Maria Auxiliadora Schmidt.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Por outro lado, se fala em um diálogo original entre a Teoria da História e o método de ensino presente nos manuais analisados, constituindo-se desta forma, uma Didática específica, a Didática da História. Isso se deve ao fato de que nos manuais analisados, a metodologia de ensino tem como referência o próprio método histórico, ou seja, as autoras relacionam a Teoria da História e os saberes pedagógicos na proposição de métodos de ensino da História.

Em conclusão, Schmidt (2012) constrói uma proposta de periodização do código disciplinar da História no Brasil, ou seja, da constituição histórica da disciplina de História no Brasil. Desta forma, a autora destaca a construção do código disciplinar da História no Brasil (1838-1931), a consolidação do código disciplinar da História (1931-1971), a crise do código disciplinar da História (1971-1984) e a reconstrução do código disciplinar da História (1984-dias atuais).

INFERÊNCIAS A PARTIR DO ESTADO DA ARTE

Choppin (2004) indica duas grandes linhas de pesquisa que toma como objeto o livro didático, quando o assunto é pesquisa com material didático, são elas:

1ª - aquelas que, concebendo o livro didático apenas como um documento histórico igual a qualquer outro, analisam os conteúdos em uma busca de informações estranhas a ele mesmo (a representação de Frederico II da Prússia ou a representação da ideologia colonial, por exemplo), ou as que só se interessam pelo conteúdo ensinado por meio do livro didático (história das categorias gramaticais, por exemplo);

2ª - aquelas que, negligenciando os conteúdos dos quais o livro didático é portador, o consideram como um objeto físico, ou seja, como um produto fabricado, comercializado, distribuído ou, ainda, como um utensílio concebido em função de certos usos, consumido — e avaliado — em um determinado contexto (p. 554).

Ainda de acordo com Choppin (2004), essas duas linhas podem se entrecruzar em uma mesma pesquisa. Além disso, o método principal utilizado é a análise do conteúdo. Essa análise é feita de duas formas:

ANAIS ELETRÔNICOS - 13 à 16 de agosto de 2014, UFG, Goiânia e UEG, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

à crítica ideológica e cultural dos livros didáticos; e a segunda, mais recente, mas que tem sido cada vez mais considerada desde o final dos anos 1970, analisa o conteúdo dos livros didáticos segundo uma perspectiva epistemológica ou propriamente didática (p. 555).

Partindo do referencial de Choppin (2004) se deduz por meio de raciocínio que as pesquisas sobre os manuais de Didática da História no Brasil estão circunscritas fundamentalmente na primeira linha de pesquisa, abordando o conteúdo dos manuais com a intenção de demonstrar a constituição da Didática da História. Em relação à metodologia, estas pesquisas privilegiam a análise de conteúdo.

Ademais, a análise tem sido feita sob uma perspectiva epistemológica ou propriamente didática conforme os trabalhos de Schmidt (2004; 2005; 2006; 2008a; 2008b, 2012), Urban (2009), Freitas (2004; 2006) e Rodrigues Junior (2010). Isso porque as citadas pesquisas apresentam aspectos epistemológicos da disciplina de Didática da História presentes nos manuais investigados.

Concluí-se também que as pesquisas contribuem para a história do ensino da História no Brasil. Neste sentido, as pesquisas apresentam a “transposição didática” do conhecimento histórico em conhecimento escolar, pautada em aspectos pedagógicos e psicológicos (SCHMIDT, 2008a, URBAN, 2009); a dicotomia entre as concepções “tradicionais” e “renovadas ou ativas” (SCHMIDT, 2008b) e a “transposição didática” do método da História para o método de ensino (RODRIGUES JUNIOR, 2010). Tais conclusões permitem inferir que a Pedagogia, a Psicologia e a Didática Geral assumem papel importante enquanto ciências auxiliares a História na configuração da Didática da História.

Outra contribuição fundamental reside na compreensão da existência do código disciplinar da Didática da História no Brasil. Partindo do conceito de Cuesta Fernández (1997)⁹, Schmidt

9 O Código disciplinar pode ser entendido como as características da disciplina no curso da história. Conceituando, “el código disciplinar de la Historia alberga, pues, lãs especulaciones y retóricas discursivas sobre su valor educativo, los contenidos de enseñanza y los arquetipos de práctica docente, que se suceden em el tiempo y que

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

(2006, 2008a, 2008b, 2012) e Urban (2009) apontam a existência de um código disciplinar da Didática da História expresso nas legislações específicas para o ensino da História, nos currículos das disciplinas de formação de professores de História, e, principalmente nos manuais de Didática da História destinados aos professores.

As pesquisas analisadas apresentam ainda indícios das formas de ensinar e aprender em determinados contextos. Sendo assim, por mais que seja marcante, em todos eles, a presença das ciências auxiliares, como anteriormente citado, os manuais devem ser "entendidos enquanto elementos da cultura escolar, produtos e produtores de conhecimentos escolares; como instituidores de modos de fazer ou de construir a escolarização, bem como construtores de identidades pessoais e profissionais" (BUFREM; GARCIA; SCHMIDT, 2006. p. 124). Deste modo, se apresentam diferenças entre os manuais de Serrano (1917; 1935) e Fonseca (2003), Schmidt e Cainelli (2004) e Bittencourt (2004), por exemplo. Todos apresentam relações com as ciências auxiliares, porém os manuais "contemporâneos" produzidos em um contexto de "renovação" do ensino da História demonstram a importante contribuição do método da história enquanto método passível de ser utilizado em sala de aula.

Por fim, podemos afirmar a existência de um subcampo de pesquisas em Didática da História, no qual pesquisadores têm privilegiado o trabalho com os manuais de Didática da História destinados aos professores. No entanto, existem ainda lacunas nos estudos em relação à circulação destes manuais, bem como ao seu uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: M. Abreu (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2000. p. 529-575.

consideram, dentro de la cultura valiosos e legítimos" (p.20). Essas características estão expressas nos "textos visíveis" (legislação, currículos, manuais escolares) e nos "textos invisíveis" (práticas de professores e alunos).

ANAIS ELETRÔNICOS - 13 à 16 de agosto de 2014, UFG, Goiânia e UEG, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

Goiás, v.15, n.2, 2015 | **197** (p.182-200 de 487)

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandez. **Ensinar História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAINELLI, Marlene Rosa; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandez. **Ensinar História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Livro didático e saber escolar**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

BUFREM, Leilah Santiago; GARCIA, Tânia Maria Braga; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Os manuais destinados a professores como fontes para a História das formas de ensinar**. Revista HISTEDBR, Campinas, n.22, p. 120 –130, jun. 2006.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, 2004, vol.30, n. 3, ISSN 1517-9702.

FERNÁNDEZ, Raimundo Cuesta. **La sociogenesis de una disciplina escolar: La Historia**. Barcelona: Pomares-corredor, 1997. 384p.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de Ensino de História**. 4ª edição. Campinas: Papirus, 2005.

FREITAS, Itamar. **A pedagogia da história de Jonathas Serrano**

para o ensino secundário brasileiro (1913/1945). Tese (Doutorado em História da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

_____. **A pedagogia da história de Murilo Mendes (São Paulo, 1935)**. In: Sæculum - Revista de História [11]; João Pessoa, ago./ dez. 2004.

GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **Do “como ensinar” ao “como educar”**: elementos do Código Disciplinar da Didática Geral no manual de João Toledo (1930). In: VIII Congresso luso-brasileiro de História da Educação, 2010, São Luís, MA. Infância, Juventude e relações de gênero da história da educação. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. v. 1. p. 1-16.

MUNAKATA, Kazumi. **Dois manuais de história para professores**: histórias de sua produção. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 513-529, set./dez. 2004.

ANAIS ELETRÔNICOS - 13 à 16 de agosto de 2014, UFG, Goiânia e UEG, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

MUNAKATA, Kazumi. **Livro didático**: alguns temas de pesquisa. In: Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

NASSIF, Liliam Erichsen; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Édouard Claparède (1873-1940)**: interesse, afetividade e inteligência na concepção da psicologia funcional. Memorandum, 9, 2005. p. 91-104 disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/nassifcampos01.pdf>

RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. **Os manuais de Didática da História e a constituição de uma epistemologia da Didática da História**. Curitiba, 2010. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

RÜSEN, Jörn. **História viva**. Brasília: UNB, 2007. 160p.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História com pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 189-219, 2004.

_____. “O método é a maravilha da escola e a delícia do professor”. Os manuais didáticos e a construção da prática de ensino de História. In:

GUEREÑA, Jean-Louis; OSSENBACH, Gabriela; POZO, María del Mar del. **Manuales escolares en España, Portugal y América Latina (siglos XIX y XX)**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2005.

_____. O aprender da História no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Natal: EDFURN, 2008a. p. 10-19.

_____. O Estado e a construção do código disciplinar da Didática da História. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 687-706, jul./dez. 2006. In: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1702/1439> Acesso em 27 jun. 2008b.

_____. O aprender da História no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Natal: EDFURN, 2008b. p. 10-19.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

_____. **História do ensino de História no Brasil:** uma proposta de periodização. In: Revista História da Educação – RHE, Porto Alegre, v. 16, n. 37, maio/ago. 2012, p. 73-91.

URBAN, Ana Cláudia. **Didática da História:** percursos de um Código Disciplinar no Brasil e na Espanha. Curitiba, 2009. 246f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná.

